

SOARES, Idayane Gonçalves. “Etnografia de uma cultura emotiva de um bairro popular: uma resenha”. *RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v. 14, n. 42, p. 139-XX, dez de 2015. ISSN: 1676-8965.

#### RESENHA

<http://www.cchla.ufpb.br/rbse/Index.html>

Recebido em: 01.09.2015

Aceito em: 21.10.2015

### Etnografia de uma cultura emotiva de um bairro popular: Uma resenha

BARBOSA, Raoni Borges. *Medos corriqueiros e vergonha cotidiana*. Um estudo em Antropologia das Emoções. Série Cadernos do GREM n. 8. João Pessoa: Edições GREM; Recife: Edições Bagaço, 2015, 367p.

O estudo da intersubjetividade busca compreender a configuração do mundo social contemporâneo, esse é o axioma substancial da obra *Medos corriqueiros e vergonha cotidiana*, do antropólogo Raoni Borges Barbosa<sup>1</sup>. Neste trabalho, o autor discute as formas de sociabilidade de um bairro duplamente nominado, o bairro Varjão/Rangel, e intenta construir um mapa mental que apreenda a cultura emotiva, ou seja, o repertório de conceitos simbólicos, linguísticos e comportamentais que orientam a ação social (BARBOSA, 2015, p. 2), deste e, por conseguinte, da cidade de João Pessoa, sob o prisma dos

<sup>1</sup>Esta obra foi desenvolvida como dissertação de mestrado no PPGA/UFPB, em 2015, no âmbito do GREM (Grupo de Pesquisa em Antropologia e Sociologia das Emoções), sob a orientação do Prof. Mauro Guilherme Pinheiro Koury. A obra em questão é resultado de pesquisas realizadas no projeto GREM “Análise de um bairro considerado violento na cidade de João Pessoa, Paraíba: Solidariedade e conflito nos processos de interação cotidiana sob intensa pessoalidade” (KOURY, 2012), e empregou os estudos sobre a cidade de João Pessoa desenvolvidos pelo grupo de pesquisa desde a sua fundação.

medos corriqueiros e da vergonha cotidiana.

O estudo também debate acerca da inter-relação do Varjão/Rangel com a cidade de João Pessoa, perscrutando a visão e o impacto que esta constrói e exerce sobre o lugar. Nesse sentido, expõe as ambiguidades da dinâmica urbana moderna, tendo como palco a capital da Paraíba. Apresenta o ritmo frenético de suas transformações, impreterivelmente imersas na ideia de progresso e crescimento econômico, e na preocupação da elite local em obter uma imagem limpa, ordenada, progressista e higienizada da cidade.

Barbosa discute, inicialmente, as questões teórico-metodológicas que orientam o seu olhar no desenvolvimento da pesquisa e na reflexão de seu objeto de estudo. Explicita o uso do método qualitativo de corte etnográfico no seu artesanato intelectual e a necessidade de se viver intensamente a pesquisa. Desenvolve, dessa forma, um diálogo em três tempos (BARBOSA, 2015, p. 74), com os seus valores, com os valores da cultura que será perscrutada e com a tradição teórico-metodológica pensada para a sua etnografia.

A partir dos percursos e trajetões traçados no bairro, na tentativa de aferir as teias relacionais imbricadas, parafraseando o autor, foi possível situar simbólica e geograficamente as ruas do bairro trabalhado, e refletir sobre o imaginário da cidade de João Pessoa em relação ao espaço estudado, inferindo

que a imagem imputada ao bairro pela mídia e pela cidade em geral não condiz com o cotidiano observado; e que a sujeira e a violência que tanto ocupam as matérias jornalísticas não são os elementos primários de definição da cultura emotiva e da sociabilidade do Varjão/Rangel. Para Barbosa, as emoções basilares que configuram a sociabilidade local são os medos corriqueiros e a vergonha cotidiana, que devem ser compreendidas pela assimilação de um bairro estigmatizado e de dupla nomeação, que desperta sentimentos dúbios de pertença e estranhamento.

Apresenta uma discussão com autores que lidam com o conceito de vergonha na literatura da antropologia e sociologia das emoções, buscando correlacionar com a sua etnografia sobre o bairro Varjão/Rangel, compreendendo o conceito de vergonha em sua forma tensional, processual e normativa. Nas palavras do autor (2015, p. 198):

Simmel, Elias, Goffman e Scheff, à sua maneira, entendem o social como espaço interacional processual e tenso, operando a vergonha como emoção central que exerce uma função comunicativa sem a qual as fronteiras e hierarquias visíveis e invisíveis e os jogos de poder não poderiam se assentar e normalizar como códigos morais e gramáticas emocionais específicas de uma sociabilidade dada.

Com base nestes pressupostos, Barbosa aponta as funções ambivalentes e paradoxais engendradas pela vergonha, que pode pendular de giroscópio moral, orientando a normatividade da conduta dos indivíduos, até como um dispositivo de deterioração de identidades. Através de seus relatos etnográficos, correlacionados com a literatura pertinente, por fim, o autor apresenta uma reflexão sobre o bairro Varjão/Rangel, identificando e refletindo sobre as fronteiras e hierarquias visíveis

e invisíveis que são construídas no mesmo.

O autor percebeu, em sua etnografia, a dubiedade de sentimentos que a intensa pessoalidade desperta no bairro, oscilando da extrema confiança e semelhança, ao controle, constrangimento e dessemelhança. Inferência reiterada pelas narrativas que se contradizem a todo o momento, ora culpando, ora absolvendo os indivíduos relacionais na rede intensa de compartilhamento da vida alheia. Essa constitui a hipótese principal de sua obra, a ilação dessa intensa pessoalidade e do estigma que permeia o imaginário de todos os moradores do Varjão/Rangel.

Estigma esse constituído pela vida dupla do bairro, ora apresentado como Rangel, um bairro benquisto de pessoas “de bem”, ora visto enquanto Varjão, um bairro problema com “gente de todo o tipo”<sup>2</sup>, quanto pelos personagens anônimos, (ébrio contumaz, pessoas problema, desviantes, “engraçadinhos”) que incitam o estigma, a vergonha e os medos corriqueiros no imaginário de seus moradores.

Barbosa apresenta os medos como medos corriqueiros, isso é, diversos e difusos, “como elementos reveladores de uma sociabilidade: das tensões e das ambivalências jamais resolvidas do problema da autoridade e de seu contrato social implícito, e do problema da divisão desigual do trabalho e dos bens materiais e simbólicos”. (BARBOSA, 2015, p. 237). Os medos corriqueiros estão presentes nos moradores do lugar, assim, em manifestações diversas, enquanto medo da fofoca e da intriga, da traição, da violência, da polícia, da cidade enquanto argumento moral estigmatizante e outros, configurando o “olhar do outro” sempre o ele-

<sup>2</sup>As noções “de bem” e “gente de todo o tipo” são expressões êmicas do universo estudado (BARBOSA, 2015, p. 100 e 180). Bem como a referência aos “engraçadinhos” (BARBOSA, 2015, p. 97).

mento ambíguo de curiosidade e ameaça.

Estas apreensões foram possíveis pela estratégia metodológica utilizada de estabelecimento de uma vivência, enquanto morador atípico<sup>3</sup> do bairro por parte do autor. Barbosa segue uma proposta bourdieusiana de objetificação participante na construção da etnografia. A objetificação participante implica em participação (local e situacional) no campo de estudo, o que o pesquisador realizou no esforço cotidiano de representar, em sentido goffmaniano, a normalidade normativa do contexto de interações de que também fazia parte. Trata-se de refletir teórico-metodologicamente sobre o material etnográfico produzido e suas condições próprias de produção.

Desta forma se coloca como morador de um Residencial do bairro, que ele intitula de Residencial X. Com a vivência no residencial é possível, então, discutir os elementos do jogo interacional do conjunto residencial e constatar o esquema relacional do bairro estudado, especificá-lo e compará-lo a outros relatos de tensões entre iguais<sup>4</sup>, ao mesmo tempo em que reitera a presença do estigma no imaginário de todos os moradores, e insiste na sua cor e formato locais.

Essa inferência revela que as fronteiras e hierarquias sociais no Varjão/Rangel são móveis e complexas, não havendo de todo uma alteridade determinada como moralmente superior ou inferior, mas, um reverse incessante de indivíduos que objurgam e são objurgados. Sendo essa a descoberta mais importante realizada pela pesquisa. Nas palavras de Barbosa (2015, p. 335):

<sup>3</sup>Utiliza o termo atípico pela preocupação com o objetivo explícito de investigação e não de vestir-se do outro.

<sup>4</sup>Como, por exemplo, o da não diferenciação latente entre os *estabelecidos* e os *outsiders* observada em Winston Parva por Elias e Scotson (2000)

O Varjão/Rangel [...] aparece como uma rede de interdependências mais complexa e fluida, tendo por base uma identidade ambígua e ambivalente constantemente atualizada enquanto argumento moral eficaz no sentido de envergonhar e amedrontar o outro com a possibilidade de contaminação e contágio. Este outro, porém, não se encontra geograficamente delimitado ou simbolicamente distinguido de uma maneira evidente e final, de modo que o peso do estigma se distribui por todo o bairro, transformando acusador em vítima de suas próprias acusações.

Barbosa percebe a personalidade e a presença da hierarquia e do controle social nas ações mais corriqueiras dos moradores do Varjão/Rangel. Na mesma esteira, apreende a impessoalidade enquanto desculpa entre os indivíduos relacionais, identificando a presença massiva da desatenção civil, conceito goffmaniano que se refere a uma atitude de distanciamento ou interação superficial entre indivíduos.

Torna-se evidente a ambivalência moral e emocional que permeia o Varjão/Rangel, de emergência de uma sensibilidade hesitante entre um passado tradicionalista (de fortes vínculos) e um futuro/presente progressista (impessoal) caracterizado pelo esgarçamento dos laços sociais, a desconfiança e o medo, além do exercício de técnicas de manipulação da informação como estratégia de negação do outro. Pessoaalidade tomada enquanto flexibilização de vínculos, solidariedade, semelhança e também como desconforto, engolfamento, constrangimento.

Ambivalência também assentada no espectro do estigma que paira no imaginário dos moradores do bairro. As nomeações do bairro, oficial e oficiosa, tensionam e conflitam a formação identitária de seus moradores.

Todavia, apesar de uma cultura do medo, - expresso nos medos corriqueiros, na vergonha cotidiana, nos es-

tigmas imputados aos moradores locais, na ambivalência em torno da intimidade, - os laços comunitários são preponderantes no lugar. Há a resistência de externar a personalidade cotidiana em tensão com a ideologia da individualidade moderna, emergindo em uma representação reflexiva e crítica de papéis sociais que compreende processos de individualização, comedimento emocional e proteção oportuna de si na esfera privada.

Verifica-se, na etnografia sobre o Varjão/Rangel e a cidade de João Pessoa, a dificuldade em compreender e discutir acerca de um espaço tão ambíguo e ambivalente, que congrega oposições morais e emocionais bem marcadas e emblemáticas enquanto Varjão ou Rangel. No entanto, o autor realiza esta incumbência com digna maestria, apreendendo a cultura emotiva, os códigos de moralidade e as formas de sociabilidade do universo de pesquisa escolhido, permitindo pensar a configuração do espaço societal urbano na contemporaneidade.

Barbosa, portanto, compõe um quadro que possibilita compreender a sociedade, enquanto “sociabilidade concreta, sempre conflitual, tensa e ambivalente por definição”. (BARBOSA, 2015, p. 196). A perspectiva utilizada pelo autor e sua coerente argumentação

em torno dela possibilitam refletir acerca da hierarquia e dos formatos e tensões de uma sociabilidade vivida no fazer-se cotidiano das situações relacionais, adentrando em uma via alternativa que traz à cena as emoções e a intersubjetividade como elementos importantes para se pensar as relações entre os homens em uma sociabilidade dada.

Em síntese, a obra compreende e discute as formas de sociabilidade presentes no bairro do Varjão/Rangel, sob a ótica de uma cultura do medo, da vergonha e da intensa estigmatização, situando fronteiras e hierarquias sociais presentes no cotidiano dos indivíduos. Bem como sobre a ambivalência na organização de uma sensibilidade sob forte pressão estigmatizante, que atua na formação identitária desses indivíduos moradores do bairro.

O trabalho de Barbosa se apresenta, destarte, como de relevância no estudo da sociabilidade urbana contemporânea brasileira sob a ótica das emoções. Estudo que discute as emoções conflitantes das sociabilidades de um espaço pessoalizado, assim como aprofunda teórico-metodologicamente a compreensão das relações sociais, dos espaços de interação, dos processos de formação dos selves e das disputas morais e de poder engendradas no cotidiano do jogo societal.

## Referências

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. *Análise de um bairro considerado violento na cidade de João Pessoa, Paraíba: Solidariedade e conflito nos processos de interação cotidiana sob intensa personalidade*. Projeto MCTI/CNPq, n. 14/2012. João Pessoa: GREM/DCS/UFPB, 2012.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro; BARBOSA, Raoni Borges. *Da subjetividade às Emoções: a antropologia e a sociologia das emoções no Brasil*. Série Cadernos do GREM n. 7. Recife: Edições Bagaço; João Pessoa: Edições GREM, 2015.

*Idayane Gonçalves Soares*